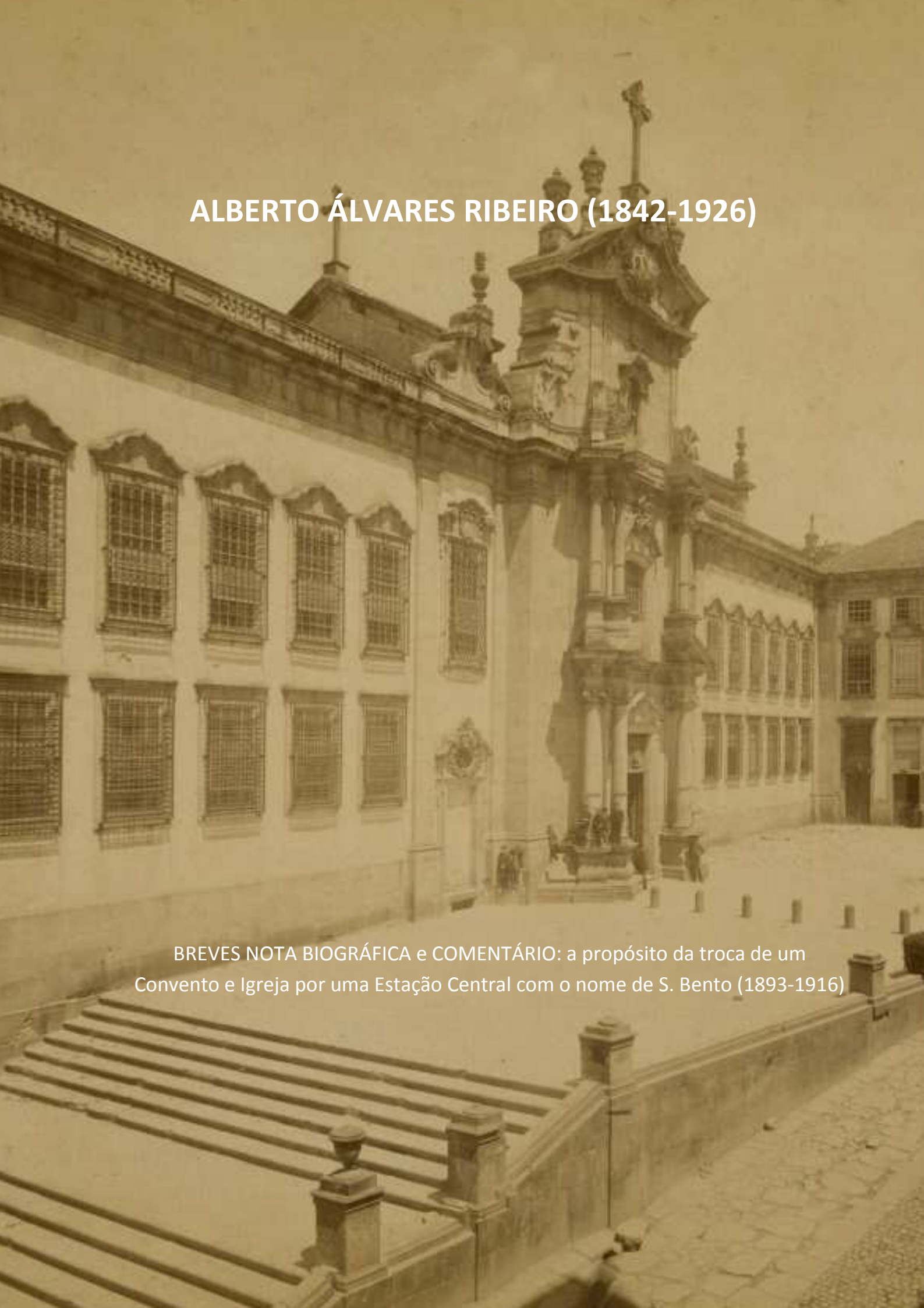

ALBERTO ÁLVARES RIBEIRO (1842-1926)

BREVES NOTA BIOGRÁFICA e COMENTÁRIO: a propósito da troca de um Convento e Igreja por uma Estação Central com o nome de S. Bento (1893-1916)

ALBERTO ÁLVARES RIBEIRO (1842-1926)
BREVES NOTA BIOGRÁFICA e COMENTÁRIO: a propósito da troca de um Convento e Igreja por uma Estação Central com o nome de S. Bento (1893-1916)

1. Nota Biográfica

Alberto Álvares Ribeiro nasceu na freguesia da Sé do Porto, a 10 de Janeiro de 1842, filho mais novo de Joaquim Torquato Álvares Ribeiro [(1803-1868), proprietário da Oficina Álvares Ribeiro, lente da Academia Politécnica do Porto, director da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro] e de Jerónima Júlia do Vale Pereira Cabral [(1804-1903), da Rua das Flores, Sé, Porto].

Casou em 1872 na Casa dos Cabrais, na Rua das Flores, com sua prima direita, Maria da Natividade do Vale Pereira Cabral (1844-1931), filha mais velha de Constantino do Vale Pereira Cabral (1806-1873) e de Maria Emília Ribeiro Coelho (1818-1896), irmã do Padre Luís Cabral e de outros membros ilustres pertencentes à alta burguesia do Porto de então (Constantino, Francisco, Ana, Afonso, Isabel Maria), com casa de veraneio na "Rua Central" da Foz do Douro, onde nasceu, tal como seu irmão Luís, hoje "Rua Pe. Luís Cabral".

Tirou, tal como o seu irmão Torquato (avô, entre outros, do Professor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Agostinho Álvares Ribeiro, e do Arq. Luís Álvares Ribeiro), o curso de "Engenharia Civil de Pontes, de Estradas e de Minas", na Academia Politécnica do Porto, entrando, em 1864, por concurso, para o quadro de engenheiro de obras públicas. Posteriormente foi nomeado Engenheiro-Director de Obras Públicas em Aveiro tendo, tal como seu irmão Torquato, tomado parte ou acompanhado diversas obras importantes desse tempo (p. ex. Ponte D. Maria Pia e túneis de S. Bento e da Alfândega). Dirigiu as obras da Alfândega do Porto, tendo desenhado e assinado em 1865 vários projectos, entre eles o da planta e alçados do 3º piso, não previsto no projecto inicial, com visto de Louis Victor Lecoq (AHMOP/APDA).

Após a morte de seu irmão Torquato, em 1902, - era então engenheiro-chefe de 1ª classe - assumiu até ao fim da vida a direcção da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.

Viveu a maior parte da sua vida activa na Casa-Oficina dos Álvares Ribeiro na Rua Chã, freguesia da Sé, casa editora e livreira (com catálogo importante e variado de títulos

sobre a cidade do Porto, de livros técnicos, académicos, de música e religiosos)[1], proprietária do jornal *Periódico dos Pobres*.

O *Periódico dos Pobres* foi o jornal "que mais importância logrou conquistar e o que mais influência exerceu nas lutas políticas travadas no Porto. Foi o órgão do partido cartista, fundado e propriedade de Joaquim Torcato Álvares Ribeiro, tendo o número 1 aparecido a 15 de Janeiro de 1834, e de tal modo o jornal ganhou raízes na população que só terminou em Março de 1858". Segundo escreveu Alberto Bessa, "no seu género de político e noticioso, foi também um dos jornais mais bem-feitos do seu tempo, deixando as melhores tradições no jornalismo portuense".[2]

Após a implantação da República retirou-se e passou a viver durante todo o ano, e não apenas no Verão, na sua Quinta e Casa da Rua do Paraíso nº 86, na Foz do Douro, onde hoje se localiza o Centro Regional do Porto da Universidade Católica.

Nessa casa da Rua do Paraíso, na Foz do Douro, nasceram e viveram cinco dos seus seis filhos - dos quais quatro seguiram a vida religiosa (Maria Máxima, Maria da Conceição e Maria Ascensão, como doroteias, e Torquato Afonso, padre jesuíta), e nasceram também três dos seus quatro netos Ribeiro de Meireles, filhos de Isabel Maria, casada com António Maria de Meireles (Alberto, António e Isabel), tendo o neto mais velho, Francisco, nascido na Freguesia de S. Ildefonso. O outro neto, Alberto José, filho de Francisco José e de Maria Lúcia Maciel da Costa, nasceu igualmente na casa da Rua do Paraíso, mas já após o falecimento de Alberto Álvares Ribeiro, e faleceu solteiro, em 1944.

Alberto Álvares Ribeiro era católico praticante, muito religioso e ligado a obras da Igreja. Por serem da sua proximidade de residência e ligações pessoais e familiares, o casal tinha especial afeição à Irmandade de S. Bento de Avé Maria e à Ordem do Carmo, mas também à Confraria de S. Torcato, em Guimarães (a família Álvares Ribeiro era carinhosamente conhecida pelos "Torquatos").

Esteve preso em Setembro de 1911, na companhia de outros católicos do Porto e do director do jornal *A Ordem*, Padre Nestor Serafim Gomes, em defesa da liberdade religiosa (cfr. *A Ordem*, 16 de Janeiro de 1926). Nos anos iniciais da República, o abade de S. João da Foz chegou a estar acolhido e temporariamente a viver na Casa da Rua do Paraíso, nº 86.

---

[1] FERREIRA, Joaquim Antero Magalhães (2003) - *Oficina Alvares Ribeiro: uma oficina de impressores, editores e livreiros e papeleiros do Porto e de Vizela (Portugal), do século XVIII ao Século XX,* dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Belas Artes de Barcelona.

[2] BESSA, Alberto (1931) – "Periódico dos Pobres no Porto" *in o Tripeiro,* 4º Série, Abril de 1931, consultado em http://aportanobre.blogspot.pt/2014/02/periodico-dos-pobres-no-porto.html

1. Quinta e Casa da Rua do Paraíso, 86, na Foz do Douro

Foi herdeiro e proprietário da Fabrica de Papel S. Paio, (Vizela), fundada em 1789 por um seu antepassado, o industrial gráfico e livreiro, António Álvares Ribeiro, que registou em 1889, com o nome de *Fábrica de papel de Vizela*, de que existe uma famosa pintura a óleo do pintor Silva Porto (1850-93), conhecida como "A casa vermelha". Em 1935, após o falecimento da viúva, Natividade, é feito o último registo da actividade papeleira da "Fabrica de Vizela"[3].

Com sua mulher Maria da Natividade, Alberto Álvares Ribeiro foi também proprietário da *Quinta da Capela* e diversas outras propriedades contíguas, em Furamontes, com cerca de 35 hectares de área total, (Campanhã, lugar de Azevedo, rua de Areias), tendo aquela quinta sido vendida pelos netos Alberto e António Ribeiro de Meireles à Camara Municipal do Porto em 1944, para instalação do Horto Municipal.

Faleceu em 12 de Janeiro de 1926, na sua casa da Rua do Paraíso, nº 86, à Foz do Douro, com 84 anos. Foi amortalhado com o hábito de Nossa Senhora do Carmo, tendo as cerimónias decorrido na capela da casa (actualmente desactivada) e na Igreja dos Carmelitas. Na missa de funeral, concelebrada por cerca de 50 sacerdotes e presidida pelo Deão da Sé do Porto, cónego Dr. Teófilo Salomão Coelho Vieira de Seabra, o prelado achava-se representado pelo Vigário-Geral da diocese. Estiveram também presentes representantes do Cabido, do Seminário do Porto, da Confraria do Sagrado Coração de Maria, da Igreja de S. Bento da Vitória e muita pessoas anónimas e amigas de diversas classes sociais, da Foz do Douro, do Porto, de Guimarães e de Vizela, o que é bem

[3] Cf. FERREIRA, Joaquim Antero Magalhães (2003), *Op. cit.*

representativo da densidade da rede de relações pessoais do Eng.º Alberto Álvares Ribeiro e Família.

Encontra-se retratado, juntamente com seus irmãos Júlia-Emília e Torquato Álvares Ribeiro, num quadro considerado como referência de geração romântica portuense do séc. XIX, do pintor Augusto Roquemont.[4]

2. Augusto Roquemont, meados do séc. XIX – 3 dos filhos de Torquato Álvares Ribeiro: segundo a tradição figuram, atrás, Alberto Álvares Ribeiro, à frente D. Júlia Emília Álvares Ribeiro e Torquato Álvares Ribeiro

Alberto Álvares Ribeiro foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e Comendador da Ordem de S. Gregório Magno da Santa Sé, certamente como reconhecimento do seu valor, estatuto social e convicções culturais, políticas e religiosas.

[4] Cf BRANDÃO, Júlio (1929) – *O Pintor Augusto Roquemont,* Lisboa, Livraria Morais *e* FERREIRA, Damião Velozo & SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, (1997) - *Os Fundadores do Club Portuense e sua descendência*, Porto, s.n., Vol III

Possuía nas suas casas da Foz do Douro e do Porto, tal como seu irmão Torquato, biblioteca recheada de bons livros, alguns provenientes da Oficina Álvares Ribeiro, e outros de temáticas variadas, incluindo obras de referência e diversos tratados sobre construção, engenharia civil e arquitectura, artes decorativas, etc.

3. 1890- Alberto Álvares Ribeiro e Maria da Natividade do V. P. Cabral com os seus filhos, Mª Ascensão, Torcato Afonso, MN, AAR, Isabel Mª, Mª Conceição, Mª Máxima, Francisco José

2- Breve comentário

Tendo presente esta nota biográfica, não admira, por conseguinte, que Alberto Álvares Ribeiro, como cidadão portuense, natural e residente na freguesia da Sé, profundo conhecedor do território da cidade e da sua região, como técnico reputado de engenharia civil e como cristão activo, tenha apoiado e defendido convictamente a preservação da bela Igreja de S. Bento de Avé Maria, sacristia e escola.

4 G. Vivian, 1839 – "*O Porto visto do Convento de Freiras de S. Bento*"

Como é sabido, no decreto de extinção das ordens religiosas de 1834, no caso das ordens femininas, condicionava-se a demolição dos edifícios onde se instalavam ao falecimento da última freira. Foi o que aconteceu e foi meticulosamente monitorizado no caso do Convento S. Bento de Avé Maria: em 1888, Emídio Navarro, ministro das Obras Públicas, autoriza a construção de um lanço de caminho-de-ferro entre Campanhã e uma estação central que se estabelecesse próximo da Praça de D. Pedro IV; em 1892 morre a última religiosa e principiam as obras de construção do túnel D. Carlos e das infra-estruturas até 1896, data em que chega a S. Bento o 1º comboio ainda sem gare, iniciando-se as demolições do convento e igreja nesse mesmo ano, em que, curiosamente, o Arquitecto

José Marques da Silva apresenta a sua prova final de curso – "a Estação Central de caminhos de Ferro do Porto".[5]

Foi então no ano de 1893, imediatamente após a morte da última religiosa, que Alberto Álvares Ribeiro, a pedido do Prior da Irmandade de S. Bento de Avé Maria do Porto, Diogo Leite Pereira de Melo, elaborou uma proposta de projecto técnico menos ambiciosa, alternativa à defendida pelo Governo da então Monarquia Constitucional, que apresentou ao ministro das Obras Públicas, Doutor Bernardino Machado[6], sacrificando apenas a parte do convento e minimizando o papel da futura Estação de S. Bento no centro da cidade face à melhor localização que a Estação Central de Campanhã e a Estação das Devesas (V. Nova de Gaia) detinham nas ligações inter-regionais entre o norte e o sul do rio Douro e no serviço prestado pelo caminho-de-ferro às populações e actividades existentes nas faixas ocidental e oriental do denominado "Grande Porto".

Ora esta tese não vingou - o início da obra da actual Estação Central de S. Bento data de 1903, com inauguração apenas em 1916[7] -, trocando-se assim um "complexo monástico" arquitectónico inicial de génese renascentista (Séc. XVI), com evolução para o barroco tardio (Séc. XVIII) de grande qualidade e valor patrimonial, após o incêndio na Igreja no ano de 1783[8], por outro projecto moderno (arquitectura *Beaux Arts*), também de inegável qualidade, da autoria do famoso Arquitecto portuense, José Marques da Silva. Os dois complexos, monástico e ferroviário, marcaram e marcam de forma diferente a cadência da vida dos portuenses entre os seculos XVI e XIX e durante o século XX e inícios do corrente século XXI.

---

[5] Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, IHRU, "Estação de S. Bento", www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5559 (informação gentilmente indicada pelo Dr. António Melo em 10-4-2015)

[6] O doutor Bernardino Machado era lente da Universidade de Coimbra, foi também Grão Mestre da Maçonaria Portuguesa e futuro Presidente da República em dois mandatos que não chegou a concluir.

[7] Site FIMS, Galeria de obras de JMS, Estação de S. Bento, página consultada em 30-3-2015- http://fims.up.pt/index.php?cat=2&subcat=8&proj=2 e Torre de Tombo, http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4380605

[8] PINHO, Isabel Maria Ribeiro Tavares de (2000) - *O Mosteiro de S. Bento de Avé Maria do Porto, 1518/1899. Uma Arquitectura no Séc. XVIII,* dissertação de mestrado apresentada na FLUP.

5 e 6. Estação de S. Bento: fachada (© FIMS) e Gare (© SIPA)

Porém, a História, cerca de 100 anos depois, parece dar-lhe parcialmente razão com a construção da Ponte de S. João, a última obra-prima do Engenheiro portuense e duriense Edgar Cardoso, e a posterior remodelação e expansão da Estação de Campanhã e da Estação das Devesas (esta ainda por projectar e executar), com ligação à rede de "Metro do Porto", em "General Torres" (V.N. de Gaia), em "S. Bento" e, ainda, a Matosinhos, Aeroporto, Maia e Fânzeres (Gondomar) que, pelo seu impacto global na vida das populações residentes e visitantes da cidade e da aglomeração do "Grande Porto", talvez constituam as duas mais importantes obras realizadas pós 1974 até à data.

É curioso notar que as novas estações da rede de Metro e interfaces ferroviários, incluindo a estação na Praça Almeida Garrett e Avenida da Ponte de D. Luís, foram projectadas no virar do Século XX, também por um novo valor da arquitectura portuense, o Arq. Eduardo Souto Moura, que se tem vindo a projectar neste início de século XXI, de forma análoga à do Arq. José Marques da Silva no século anterior.

Costuma dizer-se que a *História repete-se*, embora com naturais e por vezes pequenas transformações mais ou menos imprevisíveis: *mudam-se os tempos, mudam-se as vontades….*

Neste caso, também o "espaço" físico e construído do sítio de S. Bento dos princípios do século XX se transformou e deu lugar ao "espaço – tempo" quadrimensional de Einstein, ao incorporar e dar primazia à função mobilidade dos cidadãos. Parafraseando Hans Kung, parece "tratar-se de um novo modelo do mundo que ao contrário do espaço tridimensional não é representável realmente como grandeza quadrimensional"[9].

Mas, felizmente, vai ficando registada documentalmente para o futuro, parte dessa memória "do tempo que passa", da estética e das harmonias e desarmonias dos sons e

[9] KUNG, Hans (2014) – *Aquilo em que creio,* edição do Circulo de Leitores, pp.149-150

silêncios das pré-existências e das construções e espaços, que se sucedem e transmitem intergerações, neste contínuo pulsar humano e de projectos desta nossa cidade do Porto!

Porto, 11 de Abril de 2015

Rodrigo Meireles (bisneto de AAR)

Bibliografia e documentos consultados:

BRANDÃO, Júlio (1929) – *O Pintor Augusto Roquemont.* Lisboa, Livraria Morais

CABRAL, António C. de Sequeira (1981) – *Resenha genealógica e biográfica de uma família portuense 'Vales Pereiras Cabrais' da Rua das Flores*. Porto, ed. do autor

CARDOSO, António (1992) – *O Arquitecto José Marques da Silva e a Arquitectura no Norte do País, na primeira metade do Seculo XX*. Tese de doutoramento apresentada na FLUP, texto policopiado

Cópias de Documentos particulares e inventário e partilhas de Jerónima Júlia do Vale Cabral Ribeiro, de Maria de Natividade e seu marido Alberto Álvares Ribeiro, (originais na posse dos herdeiros de Alberto Maria Ribeiro de Meireles);

FERREIRA, Damião Velozo & SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, (1997) -*Os Fundadores do Club Portuense e sua descendência*. Porto, s.n., vol III

FERREIRA, Joaquim Antero Magalhães (2003) – *Oficina Alvares Ribeiro: uma oficina de impressores, editores e livreiros e papeleiros do Porto e de Vizela (Portugal), do século XVIII ao Século XX.* Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Belas Artes de Barcelona

MEIRELES, Alberto M. Ribeiro de – "A irmandade de S. Bento de Avé Maria e a construção da Estação Central do Porto", in *O Tripeiro*. Porto, V série, XI.3.1955, p.68-70

MEIRELES, Maria Adelaide (1995) – *Os Livreiros no Porto no século XVIII, produção e comércio*. Porto, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas

A Ordem, Jornal (1926) – notícia de falecimento, 16 de janeiro, assinada pelo diretor, Padre Nestor

PACHECO, Maria José (2007) – *Das Margens do Vizela, Memórias*. Vila Nova de Famalicão, Editorial Magnólia [referencia a primeira fábrica criada no Vale do Ave - rio Vizela, S. Paio - por António Álvares Ribeiro, com alvará régio de 1789]

PINHO, Isabel Maria Ribeiro Tavares de (2000) - *O Mosteiro de S. Bento de Avé Maria do Porto, 1518/1899. Uma Arquitectura no Séc. XVIII,* dissertação de mestrado apresentada na FLUP

REAL, Manuel Luís (dir), (1990) - *Alfândega do Porto e o despacho aduaneiro, catálogo da Exposição organizada pelo Arquivo Histórico Municipal do Porto*. Porto, Arquivo Histórico Municipal do Poro/Casa do Infante

Site FIMS, Galeria de obras JMS, Estação de S. Bento, consultado em 30-3-2015

TAVARES, Rui (1990) – "Do armazém régio à alfândega nova: evolução de um tipo de arquitectura portuária", in *Alfândega do Porto e o despacho aduaneiro, catálogo da Exposição organizada pelo Arquivo Histórico Municipal do Porto*, Casa do Infante, pp. 39-65 [com importantes contributos documentais e gráficos]

O Tripeiro, (1908-2006) - diversos números das suas sete series com artigos relativos ao Convento de São Bento de Avé Maria do Porto e Estação de S. Bento, identificados no *Índice geral de O Tripeiro*, editado em 2007, pela Editora Campo das Letras